

CRÔNICAS EM TRÊS TEMPOS

NO CAFÉ DO CINE CULTURA

CLOVIS SENA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Cine Brasília-Cine Atlântida-Cine Karim-ParkShopping-Teatro Nacional-Hotel Nacional-Piscina do Hotel Nacional... locais que dizem respeito aos festivais de cinema de Brasília. Mas, antes, já havia uma sala-referência, na W3 Sul. A Novacap (presidente sob medida: Israel Pinheiro) — empresa construtora, autônoma, ainda não desmembrada —, dentre outros, dispunha de engenheiros das mais diversas especializações e de arquitetos, decoradores, e todos a trabalhar velozmente. O chamado ritmo de Brasília.

Em menos de uma semana, transformaram o que fora o primeiro auditório da Rádio Nacional numa requintada sala de cinema. Quem chegasse não forçaria o que estivesse sentado a levantar-se ou a se contorcer. Tudo confortável. Paredes decoradas. Na frente, a sala de espera com sofás, pinturas de arte contemporânea. Ao lado, uma alinhada venda de livros. Adiante, o café expresso. Mais chique ainda: na sala de exibição, as cadeiras eram numeradas. Tal qual um teatro. Ainda nada eletrônico. Mas havia um painel na bilheteria, por onde se escolhia o assento. Ao comprar o ingresso, o cidadão sabia onde iria sentar. E havia os adequadamente fardados vaga-lumes, para conduzir as pessoas às cadeiras certas.

De imprestável e abandonado auditório da Rádio Nacional a requintado Cine Cultura.

Para começar: Semana de Cinema de Vanguarda. Na abertura: *Paris qui dort*, estréia do futuramente glorioso cineasta francês René Clair. No dia seguinte, também René Clair: *Chapéu de palha da Itália*, já da fase sonora. A marca daquele legendário cineasta é o cinema algo alegre e poético. Depois de Orson Welles, a semana seria finalizada com o encontro de um homem e duas mulheres num bote perdido, sem esperança em alto-mar. Os três evocam suas vidas. Trata-se de *Limite*, filme mítico, com que o autor, Mário Peixoto, insere o Brasil na chamada avant-garde.

E o que aquele programa tem a ver com o Festival de Cinema de Brasília?

Ora, seu primeiro instante de fecundação dera-se justamente no café expresso, com arremate nos sofás da sala de espera do Cine Cultura. Ali estava o animador de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, recém-chegado à universidade bolada por Darcy Ribeiro, e Claudio Santoro, recém-desembarcado para tomar conta da música. O cinema-novista Nelson Pereira dos Santos. Pintores, gente de teatro (por sinal, Paschoal Carlos Magno estava lá, como estava Sylvia Orthof). Todos, das mais diferentes artes, têm em comum o cinema.

A exemplo da semana com que fora aberto o Cine Cultura, o Festival de Brasília começou com o nome de semana... Semana do Cinema Brasileiro. Somente a partir do segundo, autodefiniu-se festival. Num deles estava selecionado *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho. Mas vivia-se nos tempos de Médiçi. Por ordem superior, *São Saruê* fora excluído da programação a fim de ser incluído *Brasil bom de bola*. Mesmo assim, o governador Prates cortou a verba e suspendeu o festival por dois anos.

Bizarros mesmo foram os trajés. Nos primeiros festivais, atores, atrizes, técnicos, diretores, produtores apresentavam-se principescamente no palco. Mulheres de longo. Um capricho, conforme o modelo de Cannes. Havia ainda a beira da piscina do Nacional. E, na noite da abertura, os da platéia tinham de ir a rigor. Nos demais dias, a passeio. Até que, há uns 20 anos, estilistas do ABC paulista deram a pauta. O pessoal subia ao palco de manga arregaçada, zangado, barba por fazer. Em vez de atores, de cenógrafos, diretores, agora eram "trabalhadores de cinema". Mesmo os praianos cariocas. Já recentemente, começou a se permitir um "relaxo"... Como se os anfitriões dissessem a artistas e à platéia: "Estejam à vontade".

CLÓVIS SENA É CRÍTICO DE CINEMA
E FEZ PARTE DO JÚRI DAS PRIMEIRAS
EDIÇÕES DO FESTIVAL DE BRASÍLIA

Cece/CB - 18/11/1969



PAULO EMÍLIO SALES GOMES E LYGIA FAGUNDES TELLES, À FRENTE DE UMA PLATÉIA QUE INCLUI GRANDE OTELO: NO FESTIVAL DE 1969